

REGIONALISMO E SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO

Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN)

No primeiro volume de *Formação da literatura brasileira*, Antonio Candido afirma que o **brasileirismo** na expressão tem sido o elemento diferenciador a partir do qual a teoria da literatura brasileira estabelece os seus critérios de análise. Segundo ele, essa teoria surgiu inspirada no gosto pela expressão local e pelo sentimento do exótico, gosto que já se manifestava, por exemplo, no poema *Caramuru*, de Santa Rita Durão. Ao analisar esse poema considerando as tensões internas “devidas à presença de normas e conceitos superados, mistura de gerações, coexistência da fase final de uma etapa com o início de outra”, identifica no poeta a celebração da flora tropical e observa: “É de fato refrescante a experiência de vazar o exótico regional no sistema erudito da oitava heróica, fazendo ingressar na corrente da poesia européia a realidade particular da terra nova, dando-lhe validade estética” (CANDIDO, 1975, p. 188). Nesta observação, o crítico investe na tese da dialética do universal e do particular como categoria decisiva na compreensão do processo formativo.

Em tal dialética, o gosto pela expressão local e pelo sentimento do exótico pode ser visto como elemento impulsionador do surgimento de uma tradição, de uma tendência que se manifesta em vários momentos da história do sistema literário nacional, independente, inclusive, do que se veio a chamar de “regionalismo” e antes mesmo das delimitações geográficas, políticas e culturais das regiões do país. Tradição que agrega noções como “localismo”, “pitoresco” e “bairrismo”. E que, embora esteja sempre intimamente relacionada aos significados contíguos ao conceito de regionalismo, surgiu antes mesmo da concretização das regiões. Neste sentido, pode-se falar em tradição regionalista como uma das dominantes construtivas do romance romântico brasileiro, da mesma forma que se pode relacionar essa tradição às tendências modernas da literatura brasileira e estender a sua presença até a atualidade.

Com esta compreensão, o regionalismo não ganha a visibilidade de um movimento literário, e sim de uma tradição cultural que, ao longo da história do sistema literário, ora reforça um determinado movimento, ora se opõe a outro, de acordo com as conjunturas e os atores nelas envolvidos.

Como um fator dinâmico, a noção de regionalismo reside no campo extraliterário e é construída historicamente, mas tem sido imprescindível à vida literária do país, com manifestações significativas nos dois momentos identificados por Antonio Candido (1980) como decisivos do sistema literário: o romantismo e o modernismo.

Ainda no primeiro volume do *Formação*, Antonio Candido dá destaque à figura do Frei Caneca como um autor cuja singularidade foi a maestria polêmica advinda da paixão liberal, no capítulo da “Época das Luzes”, período correspondente ao fim do século XVIII e início do século XIX. Analisando os textos de *Cartas de Pítia a Damão* (1823) e os que foram publicados em *O Tifis Pernambucano* (1823-1824), observa que nele “... o bairrismo se configurava pela presença do seu traço característico: a animosidade, maior ou menor, em relação às outras regiões”. Defensor do estado federativo que desobrigaria a subordinação das províncias ao governo central, Frei Caneca compreenderia o Brasil como “um grupo de nações diferentes”. Entre essas nações brasileiras, enaltece Pernambuco

como “pátria da liberdade” e “cidade do refúgio dos homens honrados, o baluarte da liberdade, o viveiro dos mártires brasileiros, a bússola das províncias árticas” (CANDIDO, 1975, p. 256-257).

Um dos objetivos de Antonio Candido é demonstrar, na leitura que faz dos textos de Frei Caneca, a “força da sua inteligência empenhada nas lutas sociais” (p. 260). Concluindo a leitura, afirma Candido:

Àquele tempo, no Brasil, abria-se uma fase que ia durar mais de um quarto de século, onde a literatura pública seria dominante e, nela, avultaria o estilo panfletário. Não poderíamos escolher disso exemplo melhor que o desse frade eminente, sem rigor excessivo na averiguação dos fatos, como convinha ao gênero, intransigente e sincero, de cultura larga e variada, que coroa a admirável linha, bem pernambucana, de paixão das luzes, germinada no Seminário de Olinda, no Areópago de Itambé, na Academia do Paraíso, e que constitui uma das manifestações mais altas da Ilustração no Brasil (CANDIDO, 1975, p. 260).

Como a sua preocupação é a organicidade do sistema e as soluções literárias com efeito duradouro para o que chamará mais tarde de “princípio da causalidade interna” (Cf. CANDIDO, 1987), Antonio Candido valoriza no texto de Frei Caneca o momento em que o teórico do separatismo “(...) vai a extremos de irreverência, misturada a arroubos poéticos e a um nacionalismo pitoresco, análogo ao que os modernistas utilizarão, cem anos mais tarde” (CANDIDO, 1975, p. 258).

Evidentemente, não é nosso objetivo estabelecer uma relação mecânica entre o texto do Frei Caneca e os textos modernistas, mas chamamos a atenção para o fato de que na observação de Antonio Candido já estava implicada a apreensão do princípio da causalidade interna como um sinal do que poderia render o sistema literário, uma vez consolidado. Ao final do trecho citado por Candido, aparece iluminando a leitura uma referência a *Macunaíma*, com a função de demonstrar o quanto o Frei Caneca foi capaz de promover uma irreverência “que bordeja a incredulidade” no “trecho movimentado onde o Brasil se transfigura” (p. 259).

Já ao ler as obras puramente literárias da fase correspondente à atividade dos publicistas, Antonio Candido observa que o sentimento dominante naquelas obras foi o patriotismo, “concentrado afinal em torno da Independência” (p. 271). Dentre os seus representantes, destacamos Natividade Saldanha, poeta que representou o papel de bardo no período que o crítico denomina de ciclo de patriotismo pernambucano, de que Frei Caneca era o principal teórico ilustrado. Saldanha foi autor de poemas entusiásticos e representativos de um:

(...) ciclo de patriotismo pernambucano, que se vinha exprimindo literariamente desde as Academias, e integra, naquele momento, o exaltado localismo manifestado no movimento intelectual e político, de que as sociedades do ‘complexo de Itambé’ foram as células e as rebeliões de 1817 e 1824 a expressão máxima” (CANDIDO, 1975, p. 275).

Dando prosseguimento à análise da noção de regionalismo presente no estudo de Antonio Candido sobre os momentos decisivos do sistema literário nacional, passamos ao

segundo volume de *Formação da literatura brasileira*, para verificar a leitura realizada sobre Franklin Távora, considerado o primeiro “romancista do Nordeste”.

No capítulo “A corte e a província”, Antonio Candido ressalta “a diversidade que presidiu à formação e desenvolvimento da nossa cultura” (p. 298), graças ao processo de colonização em núcleos separados, não obstante a unidade política. A esse respeito, Evaldo Cabral de Mello (2001) aponta para a mística unitária do Império como um fator homogeneizador da nação, mística que se concretizou em atos administrativos contra os quais reagiram os surtos regionalistas.

No caso específico do Nordeste, o sentimento regionalista encontrou uma expressão típica na Confederação do Equador e ganhou ilustração no romance romântico de Franklin Távora. Tal sentimento atravessa toda a história do sistema literário brasileiro que corresponde ao Romantismo até a formação da moderna tradição literária, de que fazem parte o “romance nordestino” e a obra de Gilberto Freyre.

Trata-se de um processo histórico dentro do qual há continuidades e rupturas, com implicações que extrapolam os limites do sistema literário propriamente dito. Assim, mesmo que Gilberto Freyre, por exemplo, não reconhecesse uma continuidade entre a perspectiva de Franklin Távora e a sua, a situação histórica da região impele ao estabelecimento de relações entre as duas perspectivas como tendências presentes em dois momentos decisivos do sistema literário. Ambos responderam, a exemplo de Frei Caneca, a questões políticas das suas épocas, entendendo-se aquelas questões como motivadoras das suas demonstrações de empenho nas lutas sociais.

Tal peculiaridade é geradora de contradições como aquela percebida por Antonio Candido como um desvio promovido por Franklin Távora no projeto romântico:

Desvio evidente que, levando-o a dissociar o que era uno e fazer de características regionais princípio de independência, traía de certo modo a grande tarefa romântica de definir uma literatura nacional. (CANDIDO, 1975, p. 299).

Neste mesmo sentido, parecem contraditórias as reivindicações de Gilberto Freyre quanto à primazia de uma cultura regional em torno de Pernambuco, no momento em que se dava um amplo debate em torno da identidade nacional promovida pelo modernismo e com eixo na brasilidade. A problemática referida tem sido analisada em estudos que, a exemplo de AZEVÊDO (1984) e D’ANDREA (1992), analisam a participação do autor pernambucano no movimento cultural brasileiro.

Estas considerações representam a continuidade de um projeto de pesquisa cujos elementos introdutórios e primeiras leituras apresentamos no X Congresso Internacional da ABRALIC-2006, e que retomamos nos parágrafos seguintes:

Se considerarmos que os principais centros históricos nacionais geralmente atraem de forma praticamente exclusiva o olhar dos pesquisadores da história da nossa literatura, será possível concluir sobre a necessidade da apresentação de dados que, surgidos em outros centros, menores, tiveram uma função histórica determinante na formação do sistema literário nacional. Urge, pois, uma sistematização da literatura brasileira no contexto das diversas regiões e estados, como uma forma de ampliar e discutir questões historiográficas relacionadas ao processo formativo.

No que diz respeito à história da literatura que se formou na região Nordeste, é senso comum uma visão sobre Salvador e Recife como centros convergentes de valores que

agiram no sentido da criação de um cânone literário brasileiro com raízes no período colonial, e com uma considerável força histórica que se estende até a instalação e consolidação da República, quando a política e a economia nacionais passaram a se concentrar cada vez mais no centro-sul do país.

Uma pesquisa sobre as formações literárias dos diversos estados nordestinos apontaria para questões que certamente se apresentam em situações distintas, seja no contexto da própria região Nordeste, seja em relação a outras regiões do país. Se levarmos em consideração os dois grandes momentos decisivos da literatura brasileira, o Romantismo (século XIX – 1836-1870) e o Modernismo (século XX) – segundo o Antonio Candido de “Literatura e cultura de 1900 a 1945” –, procurando relacionar a vida literária dos principais centros históricos com a dos estados em formação até a consolidação da República, abre-se um leque bastante amplo de discussão sobre as variáveis presentes nos intervalos entre os dois grandes momentos decisivos, ou até mesmo antes do Romantismo e depois do Modernismo.

De um lado, é necessário reconhecer, no âmbito da vida colonial, até o início do século XX, a importância de cidades como Salvador e Recife, no Nordeste, e do Rio de Janeiro como centro cultural da Corte. De outro lado, é incontestável o fato de que São Paulo desponta, no período republicano e de modernização, como o lugar onde ganha visibilidade o movimento modernista na sua fase inicial. Tais coordenadas despontam como determinantes no processo de formação do sistema literário nacional.

A partir da verificação desses elementos, a leitura de qualquer das histórias das literaturas estaduais ganha uma complexidade capaz de gerar hipóteses para a análise de outras histórias de processos locais. Neste sentido, a relação de Sergipe com Salvador e Recife, por exemplo, é bastante significativa, pois o estado aparece, segundo LIMA (1971), como uma espécie de alimentador da vida cultural desses dois grandes centros, realidade que pode ser a mesma de outros estados nordestinos, em uma determinada época.

Nesses casos, a dinâmica entre centro e periferia aparece de forma mais nítida no plano interno da nação que, por sua vez, participava de uma dinâmica mundial através da relação com as metrópoles européias, de acordo com a proposta elaborada por FISCHER (2005, p.30), relacionada à concepção e ao ensino de literatura e cultura, no que diz respeito à:

(...) percepção da dinâmica entre centro e periferia (em vários planos, não apenas das metrópoles coloniais para com o centro das colônias, mas também internamente à nação), que por sua vez leva à noção de aclimação das formas em função de alcançar a matéria e as demandas locais, tudo mergulhado na grande e complexa dialética entre ideologia e estética, na maior parte das vezes barateada mas que merece meditação e debate para entender as relações entre posição social e gosto artístico, por exemplo.

Nessa dinâmica, torna-se compreensível e exemplar a trajetória de Tobias Barreto entre Sergipe e Pernambuco, mas torna-se igualmente insignificante qualquer tentativa provinciana de requerer para Sergipe a primazia de um movimento que só ganha sentido na chamada “Escola do Recife”, por razões históricas. Em relação a Sergipe, a análise da personagem Tobias Barreto tem uma função bastante clara: a determinação do seu papel na

criação de uma vida literária local capaz de dar condições vitais ao sistema literário nacional naquele espaço geográfico e cultural.

Da mesma forma, caberia perguntar por que em Sergipe não ressoou, na sua fase inicial, o segundo grande momento da literatura brasileira. Neste caso, há que se considerar a modificação da dinâmica nacional que, em processo de modernização, elege como centro outro espaço, por razões também históricas. Contudo, isto não pode significar dizer que o estado de Sergipe tenha deixado de participar, no período inicial do Modernismo, da dinâmica nacional, uma vez que não era o Modernismo a única via de representação literária do momento, senão a sua dominante. Em situação mais ou menos correlata, por exemplo, o Modernismo não se manifestou no Paraná quando estava se formando a vida literária local pela via do Simbolismo, segundo MAIA (2006).

Outro é o caso do Rio Grande do Norte, que participa de forma singular no processo do movimento modernista. Ainda mediado pela via pernambucana, mas ao mesmo tempo em contato direto com os modernistas paulistas e com alguns dos líderes da vida literária do Rio de Janeiro, Luís da Câmara Cascudo lidera em Natal um movimento capaz de colocar em sincronia o estado, pela primeira vez, com um movimento literário nacional, sem que a dinâmica seja de assimilação passiva. Tratou-se de incorporar o novo ao processo de construção de uma tradição local.

Tais situações solicitam a inclusão de muitos fatos na discussão sobre a história da literatura brasileira como, por exemplo, os que arrolamos a seguir:

- a) o reconhecimento da presença de uma cultura oral intencionalmente produzida com função estética, cujas marcas são visíveis nos textos escritos de autores modernos;
- b) o desejo de criação ou o surgimento de tradições culturais locais como um fenômeno no mínimo correlato ao aparecimento da literatura como atividade permanente nos estados que ganharam uma relativa autonomia política, econômica e social após a proclamação da República;
- c) o papel determinante de personagens desencadeadoras de situações geradoras da vida literária das comunidades em momentos específicos dos movimentos literários e culturais, a exemplo dos papéis desempenhados por Tobias Barreto, Gilberto Freyre e Câmara Cascudo nos seus respectivos estados e na região Nordeste;
- d) a presença constante do regionalismo como um fator dinâmico local na chamada dialética do universal e do particular.

Tais fatos, entre outros, permitirão avançar na pesquisa sobre a presença da literatura nos vários espaços geográficos e culturais do país, superando a tendência ao mero registro de autores, datas e estilos de época.

Uma pesquisa nesta direção não pode deixar de levar em conta certas observações sobre o processo formativo nacional, as quais podem se adaptar às situações específicas locais. Se tivermos em mente os seguintes pontos, tomados de “Variações sobre temas da *Formação*” (CANDIDO, 2002), faz-se necessário considerar que:

- a) o importante não é saber quando a literatura brasileira se torna brasileira, mas quando chega a ser uma literatura enquanto um conjunto de obras;
- b) como dado histórico, em meados do século XVIII forma-se algo como um sistema literário, com uma inter-relação entre obras e autores, um esboço de público e a constituição de uma tradição;

- c) a função ideológica, enquanto vontade de ser nacional, de ser específico, é bastante produtiva no processo formativo;
- d) o regionalismo significa uma verticalização do nacionalismo dentro da própria nação.

Como parte do movimento integrador da literatura brasileira, as literaturas estaduais formam um todo também no que diz respeito ao processo de construção da cultura e da sociedade, em situações não menos essenciais do que aquelas dos principais centros do país. Com esta perspectiva, torna-se interessante observar os momentos em que ocorrem rupturas em relação ao cosmopolitismo e ao regionalismo nas literaturas estaduais, uma vez que, via de regra, são essas duas as tendências mais evidentes na vida literária dos espaços periféricos do país.

Os elementos apresentados aqui significam a busca de um apoio teórico no sentido da elaboração de uma história da literatura brasileira que leve em consideração os esforços de construção e reconhecimento das tradições locais e/ou regionais em contraste com o sistema literário já consolidado.

O conhecimento acumulado sobre a questão revela que, tendo em vista as “funções históricas” da literatura em diversas etapas da história e em variados espaços geográficos e culturais do país, ao processo geral de formação estudado por Antonio Candido correspondem, no mínimo, situações específicas em diversas regiões e estados, sobretudo no que diz respeito aos dois grandes momentos decisivos do sistema literário nacional.

Assim, teríamos dois grandes blocos de pesquisa, inter-relacionados e de forma a não excluir outras possibilidades necessárias à compreensão das especificidades locais: um, relacionado ao processo formativo das literaturas regionais, com eixo de estudo sobre o Romantismo e suas variadas manifestações; outro, relacionado ao processo de modernização da sociedade, com eixo de estudo sobre o modernismo e suas manifestações nos estados e regiões, de forma simultânea ou tardia em relação aos movimentos dos principais centros históricos.

O passo seguinte, desta pesquisa, será a verticalização da discussão em torno do regionalismo para além dos limites dos dois volumes do *Formação da literatura brasileira*, tomando como ponto de partida os textos “Literatura e cultura de 1900 a 1945” e “Literatura e subdesenvolvimento”, ambos de CANDIDO (1980; 1987).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. As literaturas locais e o sistema literário nacional. X Congresso ABRALIC 2006. Disponível em: www.abralic.org.br.
- AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. *Literatura e sociedade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1980. p. 109-138.
- _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. 2 v.
- _____. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. p. 140-162.

_____. Variações sobre temas da *Formação*. In _____. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002. p. 93-120.

D'ANDREA, Moema Selma. *A tradição re(des)coberta: Gilberto Freyre e a literatura regionalista*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

FISCHER, Luís Augusto. Luta social: tentativa de conceituação. *Terceira margem: revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura*. UFRJ, Ano IX, n. 12, p.24-32, 2005.

LIMA, Jackson da Silva. *História da literatura sergipana*. Aracaju: Livraria Regina, 1971. Vol. 1.

MAIA, Paulo Cezar. *Castelos de vento: miragens literárias em Dario Vellozo e Emiliano Perneta*. Dissertação. (Mestrado em Estudos Literários) – Curso de Pós-Graduação em Letras, UFPR, 2006.

MELLO, Evaldo Cabral de. *A ferida de Narciso: ensaio de história regional*. São Paulo: Editora SENAC, 2001.